

DIÁRIOS DE AULA NA AUTOFORMAÇÃO DOCENTE: DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CLASS DIARIES IN TEACHER SELF TRAINING: PEDAGOGICAL DEVICE IN SUPERVISED INTERNSHIP IN PHYSICAL EDUCATION

Samara Moura Barreto 1

Resumo: Os diários de aula se colocam como dispositivo pedagógico, ao permitir uma análise reflexiva da história de vida e formação docente. As marcas do vivido em ato narrativo trazem significações para o construto da identidade docente e espelhamento à futura prática pedagógica dos licenciandos. Objetiva-se compreender a utilização do diário de aula como dispositivo pedagógico na trajetória autoformativa do Estágio Supervisionado. O caminho teórico-metodológico envolveu um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, entrelaçado a uma pesquisa-formação a partir da narrativa de si. A utilização dos diários de aula aportou o movimento de 'reflexão sobre a ação' como representação do vivido e sentido (emoções e dilemas), na implicação de saberes sobre produzir a pessoa (desenvolvimento pessoal), produzir a profissão (desenvolvimento profissional) e produzir a escola (desenvolvimento organizacional). Assim, a experiência com diários de aula colaborou no pensar e agir docente como dimensão da futura prática pela escrita reflexiva, evocando-se como dispositivo pedagógico.

Palavras-chave: Diário de aula. Dispositivo pedagógico. Estágio Supervisionado. autoformação docente.

Abstract: Classroom diaries are a pedagogical device, allowing a reflective analysis of the history of life and teacher education. The marks of what is lived in the narrative act bring meanings to the construct of the teaching identity and mirror the future pedagogical practice of the undergraduates. The objective is to understand the use of the class diary as a pedagogical device in the self-training trajectory of the Supervised Internship. The theoretical-methodological path involved a descriptive study, with a qualitative approach, intertwined with a training-research based on the narrative of the self. The use of class diaries contributed to the movement of 'reflection on action' as a representation of the experience and meaning (emotions and dilemmas), in the implication of knowledge about producing the person (personal development), producing the profession (professional development) and producing the school (organizational development). Thus, the experience with class diaries contributed to the thinking and acting of teaching as a dimension of the future practice of reflective writing, evoking itself as a pedagogical device.

Keywords: Class diary. Pedagogical device. Supervised internship. teacher self-training.

1 Graduada em Educação Física (pela UECE), Mestre e Doutora em Educação (pelo PPGE-UECE). Atualmente é professora do IFCE campus Fortaleza. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8989448843028647> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1198-5602> . E-mail: samara.abreu@ifce.edu.br

Introdução

O estágio Supervisionado na formação docente em Educação Física é cerne das nossas discussões neste artigo, subscrevendo algumas clivagens histórico-críticas em retroação reflexiva para pensar perspectivas reordenadoras de uma racionalidade pedagógica no contexto dessa disciplina curricular.

Entendemos como clivagem, os (in)vieses histórico-políticos que, realçados pelas forças políticas hegemônicas, fragmentam o pensamento pedagógico da Educação Física em significação do seu construto identitário, fundando-o centralmente na racionalidade técnica (ABREU et al, 2019).

É preciso, pois, que o estágio supervisionado esteja configurado como um território educativo experiencial em que a identidade profissional é potencializada, reflexionada e autorreferenciada, pautando-se no desenvolvimento da reflexão-ação-reflexão, pela indissociabilidade da relação teoria e prática, com a intencionalidade de construir a identidade do professor como intelectual crítico e reflexivo (PIMENTA, 2005), por meio de uma racionalidade pedagógica (TERRIEN, 2006; ABREU et al, 2019). Esta, no contexto em questão, é significada como emancipação humana, imbuída de intersubjetividade em ato colaborativo e dialógico.

Em concordância com Pimenta e Lima (2005/2006, p. 6), entendemos que “o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. Desta maneira, deve fomentar a reflexão crítica, a criatividade, e a autoria na construção do conhecimento sobre a realidade social e a sensibilização dos estudantes para o atendimento das necessidades educativas com vistas a um pensamento progressista de transformação social, a partir do respeito aos valores éticos e estéticos, que devem orientar a prática profissional, pois, a profissionalidade docente é uma práxis social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino.

Assim, o Estágio Supervisionado toma os territórios educativos como apropriação da realidade, com vistas a analisá-la, compreendê-la e, a partir desse caminho, planejar o modo de transformar/alterar (alteridade), mediado pelos saberes produzidos e compartilhados na e pela relação escola-universidade, apontando para uma formação contextualizada pelas questões da sociedade contemporânea com necessidade do domínio sobre os dispositivos pedagógicos.

A utilização dos diários de aula no Estágio Supervisionado como dispositivo pedagógico na formação inicial em Educação Física possibilita um movimento reflexivo sobre a ação que levará o estudante a produzir sentidos e significados sobre a prática pedagógica (BALL; GOODSON, 1989), sendo esse componente curricular importante na constituição de experiências autoformadoras (ABREU, 2021) na transitoriedade dos licenciandos entre a cultura acadêmica e a cultura escolar, no sentido de apreensão do saberes da cultura do magistério e as aprendizagens dela decorrentes (PIMENTA; LIMA, 2008).

Tomamos como âncora conceitual sobre ‘dispositivo pedagógico’ os autores Macedo (2010) e Larrosa (2002) ao considerá-lo em movimento de retroação reflexiva que implica uma transformação intersubjetiva pela experiência vivida, posto em contexto de aprendizagens. Neste pensamento, Larrosa (2002, p. 57) conceitua como “qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”. Por assim dizer, onde o saber e as subjetividades se fazem presentes e medeiam a experiência de si mesmo, como se fosse uma gramática suscetível de múltiplas realizações.

Em aproximação, Macedo (2010) assevera que para se afirmar como dispositivo pedagógico, é preciso promover uma mudança educativa nas relações com o conhecimento e suas mediações, intercriticamente, na experiência autoformadora conferida em movimento autoral e reflexiva do processo de aprendizagem, reforçando que:

Um dispositivo deve ter o seu comparecimento formativo marcado pelo dinamismo reflexivo da formação, pelas itinerâncias e errâncias que percorrem, atravessam, juntam,

relacionam, levando em conta a experiência autorizante e reflexiva do processo de aprendizagem. Faz-se necessário, assim, aparecer uma nova configuração na relação com o conhecimento e suas mediações. É assim que os dispositivos de formação, portando todo tipo de intenção e pertencimento, de intimidades, devem ser negociados intercriticamente, vividos acima de tudo como realizações mediadoras e jamais como acabamentos ou imposições, enquadres (MACEDO, 2010, p.11).

Em emergente busca de uma mudança educativa na autoformação de professores de Educação Física em contexto do Estágio Supervisionado, como alteração paradigmática de uma racionalidade técnica para uma racionalidade crítica, é que empreendemos esforços na busca de dispositivos pedagógicos que nos ajude a (trans)formar e significar o “ser e fazer” pedagógico, em relevo para construtos dialógicos e dialéticos, em disposição reflexivas como autonomização dos sujeitos.

Consideramos o Estágio Supervisionado na autoformação docente, estreitado a Licenciatura de Educação Física, como espaço-tempo de “[...] preparação de homens pensantes, que buscam continuamente novos caminhos, e não de máquinas que sempre repetem automaticamente os mesmos movimentos” (FÁVERO, 2011, p.60), uma vez que afirmamos com base em Garcia (2013, p.91) a necessidade de “incorporar nos programas de formação de professores conhecimentos, competências e atitudes que permitam aos professores em formação compreender as complexas situações de ensino”, o que se constitui na e pela assunção de uma racionalidade pedagógica.

Movidos por essa busca e fundamentados nos estudos de Almeida (2007), Broner (2007), Freitas (2008), Liberali (1999), Zabalza (1994) e Abreu et al (2021) desvelamos os diários como dispositivo pedagógico, reconhecendo-o nesses construtos de implicação reflexiva pela intersubjetividade e intercriticidade em movimento de reflexão na ação pedagógica, em significação de aprendizagens.

A partir dos diários de aula, “podemos refletir sobre a ação, pensando retrospectivamente sobre o que fizemos, de modo a descobrir como nosso ato de conhecer-na-ação pode ter contribuído para um resultado inesperado” (SCHÖN, 2000, p.32). Assim, podemos refletir após o fato ou interrompê-lo para dar lugar a reflexão. Os diários de aula possibilitam a reflexão sobre ação em um ambiente de interioridade, levando o estudante a descrever a sua ação e ajustar o seu próprio conhecimento na ação, podendo ser realizado em partilha no âmbito das coletividades. O conhecimento-na-ação se refere “[...] aos tipos de competência que os profissionais demonstram em certas situações da prática que são únicas, incertas e conflituosas” (SCHÖN, 2000, p. 29).

Dessa forma, questionamos de que forma o diário de aula constitui-se um dispositivo pedagógico capaz de contribuir para a autoformação de futuros professores na experiência do estágio supervisionado? Norteados por essa questão, traçamos como objetivo da pesquisa compreender a utilização do diário de aula como dispositivo pedagógico na trajetória formativa do Estágio Supervisionado, estreitada ao Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE Canindé.

A justificação da pesquisa está ancorada no entendimento de que é necessário ao professor dos cursos de licenciatura apreender estratégias de ensinagem (ANASTASIOU, 2003) que possibilitem a reflexão como elemento da autoformação dos futuros professores. Conforme reiteram Silva e Duarte (2001, p.2), o diário de aula:

[...] possibilita uma perspectiva diacrónica das situações vividas pelo professor e, portanto, da sua evolução e desenvolvimento profissional num determinado período de tempo. O desenvolvimento profissional do professor torna-se perceptível através do registo (sic) dos pensamentos e sentimentos que esta experiência durante o processo de ensino e das actividades envolvidas na sua preparação.

Dessa forma, conhecer a utilização de diários de aula, nos ajudará a compreender a sua significação na constituição do “ser-fazer” professor, pelas representações do narrado, sentido e vivido, em movimento diacrônico e sincrônico, nas experiências de vida e autoformação docente. Por sua vez, a autoformação docente é compreendida como um processo de formação reflexiva e autorreferenciada implicada aos sentidos e significados produzidos no decurso/transitividade heurística da vida, em contexto de autonomização política, que se pauta na libertação e emancipação. Em decorrência, a práxis educativa aponta para um devir interior(eu) transformativo, concernente às experiências e aprendizagens do sujeito-professor/a sobre as alteridades estabelecidas nas relações dialógicas com outro(hetero/sócio) e com o meio (eco) cuja relação instituinte é privilegiada, com destaque na educação de adultos (ABREU, 2020).

Procedimentos metodológicos

Caminhamos sobre um estudo descritivo, “buscando caracterizar os traços importantes dos elementos pesquisados” (SAMPIERI, 2013, p. 33), ancorado na abordagem qualitativa “que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real” (MARTINS, 2008, p. 9), a partir da significação que os dados trazem. “Na pesquisa qualitativa, o pesquisador participa, compreende e interpreta.” (MICHEL, 2009, p. 37). Michel (2009) complementa que os dados coletados estão carregados de valores que só um participante do “sistema social estudado” poderia realizar a compreensão e análise desse material com consistência, contextualização e coerência. Esta análise realizou-se com estreitamento para uma pesquisa-formação.

Na pesquisa-formação “cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre formação e os processos por meios dos quais ela se dá a conhecer”, ensina Josso (2004, p.141).

Além disso, ela “revela um interesse biográfico que se aproxima da formação do ponto de vista do sujeito aprendente, ou seja, como metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação” (JOSSO, 2004, p.15), subscrevendo ainda, conforme realçado por Pineau (p.125, 1988), “a importância da reflexividade do sujeito, atuante na sua expressão e, ao mesmo tempo, na interação intersubjetiva, contribui cientificamente para conferir a esse sujeito um estatuto ativo de pesquisador”.

Intentamos fazer um ‘caminhar para si’, como modo de retroação reflexiva do vivido e ancoragem de aprendizados em movimento retrospectivo e prospectivo para pensarmos a esta experiência de formação:

a escolha do verbo caminhar sugere que se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo do qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir seu itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e espaço-tempo do aqui e agora, mas ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percursos, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um (JOSSO, 2010, p 83-84).

O lócus da pesquisa foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), especificamente o meio do Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF) do campus Canindé, circundado no espaço do componente curricular disciplinar Estágio Supervisionado III – Ensino Médio, realizada no primeiro semestre letivo de 2019. A referida disciplina de Estágio Supervisionado

matizada no CLEF tem como objetivo identificar as diversas possibilidades de propostas curriculares para a docência em Educação Física no Ensino Médio e realização de intervenção profissional sob orientação, mediante aplicação dos artigos 26 da LDB 9394/96.

A representação do corpus de análise interpretativa foi tomada pelas narrativas de si, produzidas no diário de aula dos discentes (sujeitos-atores) desta pesquisa-formação, totalizando 8 discentes. Após apreensão do corpus utilizamos a análise interpretativa compreensiva (RICOEUR, 1996) a partir da experiência da narrativa de si (SOUZA, 2006). Adotamos como elemento de triangulação desse entendimento e análise a relação entre o objeto de estudo, seus objetivos e a perspectiva da pesquisa-formação. As conformações éticas estiveram em aproximação à Resolução CNS 510/2016.

Resultados e discussões

A análise das narrativas de si registradas nos diários nos apresentou uma conformação de saberes da profissão docente, estreitados a dimensão pessoal (a pessoa), profissional (a profissão) e organizacional (a escola) (NÓVOA, 1992), em pensamento reflexivo, intersubjetivo, imbuído de sentidos sobre o ser e fazer na escola, como marca do vivido em perspectiva também histórica, ao considerar que “o presente se enraíza no passado e se projeta no futuro” (SAVIANI, 2013, p. 4).

Desse modo, trouxe a relação diacrônica e sincrônica das experiências vividas na trajetória formativa para a docência como movimento de recordações-referências implicadas sobre as aprendizagens da docência, considerando as emoções e os dilemas:

Permitem revisitar e resgatar vivências enquanto estudante. Remete-nos às vivências intensas desde as emoções à dificuldades na trajetória. O relato em forma de escrita se caracteriza como uma maneira de adentrar ao ser professor de uma forma pessoal e profissional (sujeito 1).

A escrita me fez lembrar por que eu estava ali e onde queria chegar. Onde eu estaria. Me fez refletir. Que profissional eu me tornaria. Me fez refletir nos ocorridos no estágio e possíveis similares acontecimentos futuros em relação a diversas coisas. A profissão docente como algo que já estava próximo e eu outrora pensando ainda ser uma realidade distante. Contribuiu para incentivar a ser um futuro profissional melhor tirando por base o estágio. Me fez refletir sobre as limitações que temos no âmbito escolar e que as vezes temos que nos adaptarmos. Tem que estar sempre se “reinventando (sujeito 3).

Conforme nos diz Josso (2004, p. 40), estas recordações “são simbólicas do que o autor compreende como elementos construtivos da sua formação. [...] significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível que apela para emoções, sentimentos, ou valores [...]”.

Conferimos também o movimento de interação dialógica como aprendizagem colaborativa a partir das experiências vividas na dimensão também intersubjetiva e estética cujo conhecimento foi substanciado em face da partilha, do diálogo, revelando a premissa de que o conhecimento é construído socialmente, portanto, não é só histórico, não é só epistemológico, não é só lógico, acima de tudo, é dialógico (FREIRE, 2007):

Criamos um “diário de estágio”, nele registramos nossas intervenções, curiosidades, dificuldades, alegrias, enfim todas as nossas vivências em sala de aula Semanalmente partilhávamos em sala as nossas experiências, fazíamos esclarecimentos, trocávamos experiência com os demais

colegas sobre os acontecimentos em campo de estágio, e aprendíamos também com as experiências deles (sujeito 6).

Gonçalves Júnior e Carvalho (2014) destacam a experiência de escrita de diários de aula descritivos e reflexivos, evidenciando como eles contribuem para a perspectiva colaborativa durante o estágio e contribuem para a constituição da identidade do professor a partir das tensões com a prática. Ressaltam os autores:

Há uma dimensão relativa ao outro para quem se escreve, pois lidávamos com a questão de escrever o que eu gostaria que o outro lesse sobre mim, sobre minha aula ou sobre o que eu penso sobre a aula dele. Aí jogam relações de alteridade que podem ser colaborativas. E é assim que eu percebo minha identidade e a dos estagiários. Não que agíssemos pautados numa falsidade, num querer parecer. De forma alguma. Mas minhas aulas com certeza seriam diferentes não fossem os estagiários presentes ali. As aulas dos estagiários também. Os escritos dos diários tinham um certo modo de ser e os escritos que compuseram, ao final, o trabalho final de curso, tinham outro modo de ser. (GONÇALVES JÚNIOR; CARVALHO, 2014, p. 790).

Além disso, o diário de aula pode proporcionar o conhecimento de si nas dimensões pessoal e profissional, das representações subjetivas na realidade de significação individual sobre as relações com a prática vivida:

Personalizamos um diário manual, onde compartilhávamos todo o percurso do estágio, as vivências práticas e emocionais, podendo colocar nossas angústias, planos de aula, pontuar momentos, e até colocar fotos (sujeito 2).

Nesse processo de escrever todas as atividades, planos de aula, erros e acertos que fizeram parte de todo um contexto de formação individual vividos no período de estágio, abrem perspectivas de modo reflexivo para a prática docente. O professor antes de tudo é humano, e quando trazemos essa questão na esfera do “eu”, sem dúvidas a parte profissional é afetada. Isso pode ser trazido como uma forma de crescimento, na medida que o diário traz reflexões que nos momentos de aula o professor geralmente não teria (sujeito 4).

Assim, a possibilidade de “viver sua singularidade, a partir do investimento em sua interioridade e no conhecimento de si, através dos questionamentos sobre suas identidades” (SOUZA, 2006, p.296). O ato de narrar sua própria história, mais do que contar uma história sobre si, é um ato de autoconhecimento, pois, através da narrativa, o sujeito constrói uma cadeia de significantes que estrutura formas cognitivas de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos e desejos, mitos e utopias (PÉREZ, 2002).

No contexto da ensinagem (ANASTASIOU, 2003), também evidenciamos os diários como objeto de organização, sistematização, orientação e análise didática, estreitado ao fazer pedagógico na escola:

Proporcionam uma análise perceptiva da metodologia aplicada durante as aulas (sujeito 1).

A escrita do diário sem dúvidas contribuiu e muito em todos os âmbitos da experiência de estágio, pois assim foi possível ir tomando notas das observações que serviram para a elaboração do planejamento da prática pedagógica. Ajuda-nos a documentar as ações pertinentes ao fazer pedagógico dos professores, a sua didática e metodologias, a mapear todos os pontos positivos e negativos da escola, que vai da estrutura do prédio ao pessoal, assim como analisar os documentos relevantes e que precisam estar a disposição dos docentes (sujeito 2).

O diário me fez despertar mesmo sem que eu tivesse percebido na época do estágio, um olhar diferente sobre a docência. Foi como um abrir de olhos. Refletir e policiar minhas ações, buscar calma para compor os elementos didáticos, sobretudo, o ato de planejar, que me via sempre acelerada (sujeito 7).

Escrever sobre as aulas, os alunos e tudo mais que acontecia contribuiu para eu parar um pouco, reviver os momentos e a partir disso aprender, de certa forma, pois rememorando o acontecido dava para ver com mais clareza alguns elementos como erros, acertos, estratégias que ajudavam para a próxima aula. Promoveu um maior cuidado em relação ao olhar voltado para a organização do lugar e suas características. Escrever realça a atenção voltada para o lugar (escola) (sujeito 8).

Além disso, também nos evocou uma possível transformação didática ao anunciar sua relação como dispositivo de autoformação docente em processos de reflexividade de si, com o outro e o meio, ajudando na percepção de novas possibilidades metodológicas em ato criativo:

A vivência dentro do estágio é essencial para a formação do discente dentro de sua área formativa, essas experiências nesse campo norteiam para a construção de um futuro docente. Dentro disso, novas metodologias surgem para auxiliar na auto formação não apenas como meio de documentar as ações e desafios dos alunos, mas como fator motivador para que se inicie um processo reflexivo sobre a formação docente e discente. Nessa perspectiva os diários de aulas são utilizados como ferramenta para uma tomada reflexiva, e para mostrar ao aluno que se é possível criar propostas dinâmicas em sala de aula, como também pode se constituir base para novas escolhas didáticas (sujeito 5).

A escrita do diário me permitiu uma maior reflexão sobre a minha prática, o ato de parar para escrever permitiu que houvesse uma avaliação de mim mesma naquele dia, meus erros e acertos e a partir daí poder estar mais atenta para a próxima vez. Antes de começar a fazer isso, as aulas eram preparadas, ministradas e discutidas entre eu e minha colega, mas não havia um olhar mais voltado para aquela ação, a partir do início da escrita nos diários isso se transformou porque além de preparar e ministrar a aula eu escrevia sobre o que acontecia, e no ato de escrever foi fixando mais na mente as ações do dia a dia docente (sujeito 8).

Nessa evocação sobre autoformação, Macedo (2010, p. 11) nos ajuda a referenciar e refletir que “o estágio deveria viver, experienciar a práxis e a autopoiesis da formação, expressando criações, autorizações, autorias. Neste sentido, fazer coisas, objetos, modelos de corpos, condutas, mentalidades, programas, estratégias, abrir brechas, fissuras, produzir transgressões, ultrapassagens, traições”, de modo a superar as relações de uma cultura instituída, em contexto reprodutivista, se aproximando de uma aprendizagem sobre a autonomia.

Em complemento, lembramos de Freire (1996, p.107) ao referenciar que uma pedagogia da autonomia está pautada numa “experiência estimuladora da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.

Considerações Finais

O nosso movimento analítico, engendrado sobre os diários como dispositivo pedagógico no Estágio Supervisionado a partir desta experiência empírica aporta uma tônica afirmativa ao percebê-lo como artefato de alter(ações) em movimento de reflexividade, produção de sentidos, (re)invenção didática e superação de dilemas, significados sobre o pensar e agir docente como dimensão da futura prática, na implicação de produzir a pessoa (desenvolvimento pessoal), produzir a profissão (desenvolvimento profissional) e produzir a escola (desenvolvimento organizacional).

A pesquisa direciona-se ao campo da formação de professores, da prática de ensino, da didática e da educação em geral, reforçando a importância do uso de diários de aula como estratégia reflexiva sobre a prática na autoformação de professores, evidenciando a percepção dos estagiários sobre o uso desse dispositivo na e pela experiência do vivido, a fim de melhorar as disposições de desenvolvimento das aprendizagens para questionarem o que veem, o que pensam e o que fazem, em ato conscienciais sobre a tomada de decisões e ações, reconhecendo esta experiência como um espaço-tempo de investimento de si para o futuro devir da prática pedagógica, em vez de a entenderem como um momento culminante da sua aprendizagem (GARCIA, 2013).

Avaliamos como exitosas as reflexões e incursões teórica-empíricas, o que nos estimula a continuar utilizando os diários de aula em nossa prática pedagógica e a buscar conhecer as suas implicações sobre o processo pedagógico, subscrevendo trajetórias de autoformação docente pautada num movimento epistemológico, crítico-reflexivo em contexto de identidade evolutiva na formação inicial de professores de educação física.

Estabelecemos relação com o conceito de identidade evolutiva, a partir de Josso (2007), evocando-a como aquela na qual quem se apresenta em formação na docência é o Ser - na sua emergência auto, hetero e ecoformativa, em compreensão do mundo, da vida e sua própria formação experiencial, existencial. Nesse ínterim, em concordância com Josso (2007), reconhecemos a necessária tomada de consciência para que a questão da identidade seja concebida como um processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, por meio de da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade.

Nesse sentido, os diários de aula nos permitem a construção de aprendizagens que nos mobilizam a ter consciência de nós mesmos em convivência com outro, reconhecendo as sensações, afetividades e ações, a partir do paradigma de um conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares.

Para tanto, é importante produzir transações autoformadoras na Educação Física capazes de subsidiar um (re)agir cultural em contextos opressores para uma legitimação de autonomização docente, a fim de consolidar um saber-fazer pela indissociabilidade da relação teoria e prática no e pelo Estágio Supervisionado.

Referências

ABREU, Samara Moura Barreto de. **Autoformação docente na experiência de supervisão do Pibid: transações para uma práxis pedagógica emancipatória na educação física**. 2020. 330f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2020.

ABREU, Samara Moura Barreto; SABÓIA, Wilson Nóbrega; NOBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Diários de aula como dispositivo pedagógico na (auto)formação docente. **Revista de educação, ciência e cultura**, v. 26, n. 1, 01-10, mar., 2021.

ABREU, Samara Moura Barreto de; SABÓIA, Wilson Nóbrega; NOBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria. Formação docente em educação física: Perspectivas de uma racionalidade pedagógica do corpo em movimento. **Educ. Form., [S. l.]**, v. 4, n. 12, p. 191–206, 2019.

ALMEIDA, Benedita. A escrita na formação continuada de professoras alfabetizadoras: práticas de autoria. 2007. 251f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANASTASIOU, Lea das Graças. Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G. C. e ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, Santa Catarina: Ed. Univilib, 2003.

BALL, Stephen J.; GOODSON, Ivor. Eds. **Teachers' Lives and Careers**. London: The Falmer Press, 2.ªed. 1989.

BRONER, Ester Maria. A escrita de diários no processo de formação profissional. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007. p. 303-321.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Universidade e estágio curricular: subsídios para a discussão**. In: ALVES, Nilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 2011, p.57-76.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 30 ed. 2007.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Diário de Aula**. In: GRILLO, Marlene Corroero et al. A gestão da aula universitária na PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008a. p. 119-130.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores: para uma mudança educativa**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2013.

GONÇALVES JÚNIOR, Marcos Antonio; CARVALHO, Dione Lucchesi de. **Perscrutando Diários de Aulas e Produzindo Narrativas sobre a Disciplina Estágio Supervisionado de um Curso de Licenciatura em Matemática**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 777-798, ago. 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano.30, v.63, n.3, p.413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LARROSA, Jorge Bondia. Tecnologias do eu e educação. In: TOMAZ, Tadeu (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 35-86.

LIBERALI, Fernanda. **O diário como ferramenta para reflexão crítica**. 1999. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/Mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais** – Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

NÓVOA, António. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1992.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Vozes, palavras, textos**: as narrativas autobiográficas na formação de professoras-alfabetizadoras. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, Maria. Socorro. Lucena. **Estágio e docência**. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, Maria. Socorro. Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PINEAU, Gaston. “A autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”. In: FINGER, M. e NÓVOA, A. 1988. **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de Formação1. Lisboa: Ministério da Saúde: pp.65-77.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Maria Helena Santos; DUARTE, Maria da Conceição. **O diário de aula na formação de professores reflexivos**: resultados de uma experiência com professores estagiários de Biologia/ Geologia. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 1, n. 2, mai./ago., 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA; UNEB, 2006.

THERRIEN, Jaques. Os saberes da racionalidade pedagógica na sociedade contemporânea. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 67-81, 2006.

ZABALZA, Miguel. **Diários de Aula**: Contributos para o Estudo dos Dilemas Práticos dos Professores. Porto: Porto Editora, 1994.

Recebido em 25 de outubro de 2021.

Aceito em 13 de fevereiro de 2023.